Aprendizes de feiticeiro

O aumento da produção de grãos no mundo é apenas uma das fontes de polêmica no agronegócio da soja

O mercado no complexo soja reage de várias maneiras às retrospectivas recentes e aos prognósticos de curto prazo. A produção brasileira apresentou no último triênio marcas superiores a 30 milhões de toneladas, enquanto nos Estados Unidos se opera com a hipótese provável de produção recorde na safra 2000/01. Esses dois países carregam o peso de lavrar 70% da oleaginosa plantada no planeta.

Poderosa cultura

Do ponto de vista da segurança alimentar do mundo, esse quadro é comemorado, principalmente, pelos formuladores de política agrícola, otimistas ante a perspectiva de melhorar a oferta de bens agrícolas. Enquanto isso, no âmbito do duro jogo do mercado, essas notícias têm um inevitável efeito baixista, com o esfriamento das cotações.

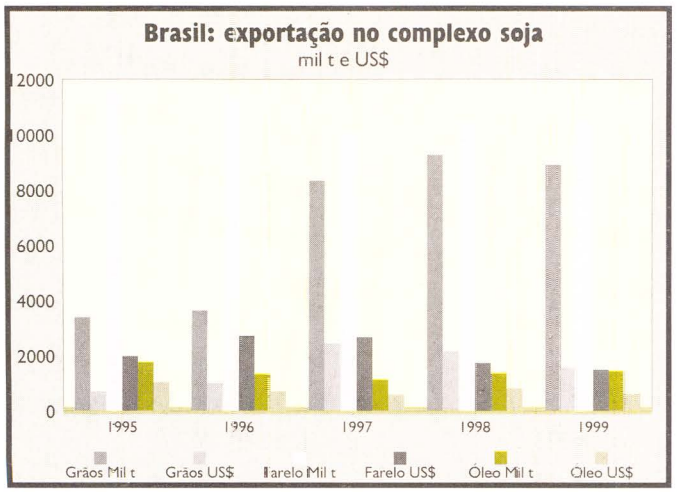
No Brasil, a moderna história da agricultura teve na soja seu grande vetor de disseminação de insumos, máquinas, silos, unidades de beneficiamento etc. A cultura sempre esteve associada ao emprego de pacotes tecnológicos gerados pela pesquisa e à imagem de pólo de expansão da fronteira agrícola, viabilizando comunidades e regiões do interior do país. Estimam-se em mais de 200 as variedades de soja, das quais 40 cultivares respondem por cerca de 40% da área plantada. A Embrapa é responsável por quase 60% do material utilizado no plantio.

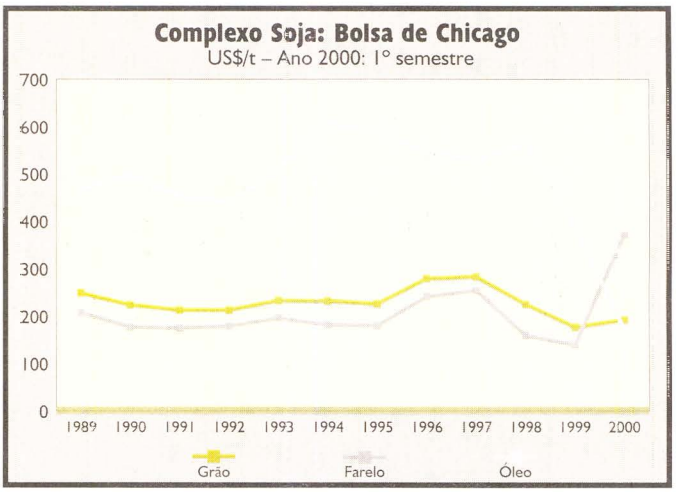
Em termos de área plantada no território nacional, os estados do Sul, que representavam mais de 90% no começo dos anos 60, mantêm hoje uma participação ainda significativa de 40%. Mas nesse mesmo período emergiu em pleno esplendor o Centro-Oeste, hoje o primeiro produtor, com 45% da área plantada, taxa que ao que tudo indica ainda tem muito que crescer. A região Sudeste nunca superou o percentual de 10%, aparente marca de seu limite.

Brasil: soja em grão

Região	1969/70	1974/75	1979/80	1984/85	1989/90	1994/95	1999/00
				Área colhida em ha			
Norte				811	30.920	24.617	44.689
Nordeste	16	757	1.986	72.217	376.814	571.085	846.776
Sudeste	63.731	467.197	723.156	944.156	1.119.587	1.130.655	1.141.639
Sul	1.241.369	5.106.658	6.918.703	6.253.673	6.149.829	5.416.792	6.057.676
Centro-Oeste	13.693	249.880	1.130.178	2.882.548	3.810.153	4.531.856	5.378.836
Total	1.318.809	5.824.492	8.774.023	10.153.405	11.487.303	11.675.005	13.469.616
				Produção em t			
Norte				677	44.392	47.271	114.490
Nordeste	25	709	2.320	86.198	225.502	1.255.571	2.048.031
Sudeste	91.892	765.656	1.388.600	1.840.113	1.685.994	2.385.166	2.633.741
Sul	1.397.811	8.780.627	11.856.126	10.688.811	11.500.593	11.986.519	12.422.963
Centro-Oeste	18.812	346.016	1.908.758	5.662.786	6.441.523	10.008.110	14.363.608
Total	1.508.540	9.893.008	15.155.804	18.278.585	19.898.004	25.682.637	31.582.833

Fonte: IBGE Anuário Estatístico do Brasil e Levantamento sistemático da produção agrícola.





EUA: área plantada com transgênicos

%

Ano	Soja	Milho
1996	0,9	–
1997	12,7	8,4
1998	36,0	20,0
1999	57,0	35,0
2000*	54,0	25,0

Fontes: Greenpeace e Usda.

*Previsão.

Balanço da soja em grão

Milhões de t

Ano	Mundo		Estados Unidos	
	Produção	Estoque final	Produção	Estoque final
1996	124,9	23,6	58,5	4,99
1997	132,2	17,5	64,8	3,58
1998	158,1	13,5	73,2	5,43
1999	158,9	21,7	74,6	9,47
2000	155,9	19,9	71,9	10,75
2001	168,5	25,3	80,1	11,95

Fonte dos dados norte-americanos: Usda.

Desempenho da soja

Safra	Brasil		EUA		Argentina	
	Colheita	Prod.	Colheita	Prod,	Colheita	Prod.
	t	kg/ha	t	kg/ha	t	kg/ha
1990/91	15.395	1.580	52.416	2.292	10.859	2.187
1991/92	19.419	2.027	54.065	2.303	11.315	2.280
1992/93	23.041	2.150	59.612	2.530	11.045	2.077
1993/94	25.059	2.179	50.885	2.194	11.707	2.014
1994/95	25.934	2.221	68.444	2.781	12.119	2.016
1995/96	23.190	2.175	59.174	2.376	12.654	2.083
1996/97	26.160	2.299	64.780	2.527	11.008	1.661
1997/98	31.364	2.384	73.178	2.616	18.732	2.610
1998/99	30.765	2.367	74.598	2.617	18.029	2.309
1999/00	31.441	2.359	71.928	2.452	21.000	2.515

Fonte: Usda, IBGE, SAP/Argentina, Abiove.

Acesa polêmica

A receita nacional em divisas com as exportações no complexo soja apresenta um quadro relativamente estável desde 1995, a beirar de US$4 a US$5 bilhões. O exercício de 1997 foi uma exceção, com arrecadação maior decorrente dos melhores preços no mercado internacional. Contudo, as quantidades embarcadas de grãos têm crescido vertiginosamente, o que não acontece com o farelo e o óleo. Esse comportamento pode ser explicado, a partir da vigência da Lei Kandir, pela eliminação do ICMS na exportação de matérias-primas agrícolas.

A polêmica sobre esse ponto ainda não deixa prever nenhuma tendência ao consenso. As agroindústrias esmagadoras argumentam que o país deixa de realizar embarques com produtos de maior valor agregado e até registram o espaço ocupado pela Argentina nesses mercados. Do outro lado, as lideranças do setor esgrimam com seus próprios argumentos, alegando que sem a via da exportação os produtores não teriam conseguido melhor remuneração pelo grão entregue nem haveria condições de dar escoamento ao volume crescente da colheita, de 5 a 6 milhões de toneladas nos últimos cinco anos.

No primeiro semestre deste ano, enquanto as cotações externas subiam levemente para o grão e o farelo, assistia-se à queda dos valores do óleo. Após reduzir o imposto de importação, a Malásia, maior produtor e exportador de óleo de palma, entrou de forma agressiva no mercado. Por sua vez, a China suspendeu a concessão das cotas tarifárias já sobretaxadas e a Índia aumentou a sobretaxação. Os preços do óleo tiveram mais variações negativas. Internamente, as indústrias foram pressionadas a esmagar soja para cumprir contratos de exportação, ampliando a oferta e os estoques.

Negócios em crise

A conjuntura é crítica, particularmente no caso do óleo. Os países não tendem a isentá-lo de taxação, como acontece nas importações de grão e farelo. No Brasil, quando a indústria compra grãos de outro estado paga uma alíquota que pode ir

de 7% a 12% de ICMS. Esse crédito de recolhimento não é compensado, porque as exportações gozam de isenção. Nessa situação crítica, muitas unidades esmagadoras interromperam provisoriamente sua atividade. No ano passado, cerca de 68% do volume de óleo produzido (4,1 milhões de toneladas) pelas quase 100 fábricas foram destinados a portos estrangeiros.

> Do ponto de vista da segurança alimentar, o crescimento das safras é mais comemorado pelos formuladores de política agrícola ante a melhora da oferta de bens agrícolas do que no âmbito do duro jogo do mercado, onde essas notícias têm o efeito baixista de esfriar as cotações.

Mesmo com essas dificuldades de comercialização da safra, a atmosfera reinante no agronegócio é positiva e bem segura. Embora seja ainda muito prematuro traçar uma previsão de plantio, as sondagens preliminares se inclinam para uma colheita de 34 a 35 milhões de toneladas. Um salto médio de 5%. E mais, uma grande chance de o estado de Mato Grosso do Sul consolidar sua posição de liderança na produção estadual de soja do país, conquistada na safra 1999/00.

Após o esvaziamento dos estoques mundiais em meados dos anos 90 e o conseqüente fortalecimento das cotações no complexo soja, o ambiente se reverteu com seguidos bons desempenhos das safras nos Estados Unidos, União Européia, Brasil e Argentina. Para o corrente ano, o Departamento de Agricultura norte-americano confirma crescimento de área, uma resposta positiva dos agricultores, que são contemplados com *loan price* (preço mínimo) de US$5,26 o *bushel*, correspondente a US$11,62 a saca de 60kg.

Caixa de surpresas

Com a semeadura acontecendo regularmente, as atenções se voltam para o período de floração e enchimento do grão, entre fim de julho e início de setembro. Uma variação climática adversa pode provocar algum estrago e alterar o cenário futuro.

A onda de especulação que rotineiramente cerca os ciclos de produção dessa importante oleaginosa ultrapassa as fronteiras da comercialização física e futura. É o caso especial deste ano, ante a redução inesperada do emprego de material transgênico no plantio das lavouras dos Estados Unidos.

A atividade agrícola tem dessas coisas: é uma caixinha sempre a reservar alguma surpresa. Ainda sem elementos que justifiquem o ocorrido, a resistência dos consumidores japoneses e europeus a produtos transgênicos é apontada como de grande influência. Se isso se confirmar, as discussões políticas e científicas a respeito dos aspectos agronômicos e econômicos dessa tecnologia poderão ganhar outros caminhos.

Sem definição

Pelos dados da Abiove – Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais –, ao logo da década de 90 a produtividade brasileira aumentou 49% e galgou 2,36t por hectare. No mesmo período, nesse índice os norte-americanos cresceram sete vezes menos, 7%, e bateram 2,45t por hectare.

O dado curioso é que a produtividade recorde ocorreu na safra 1994/95, com 2,78t por hectare, enquanto os organismos geneticamente modificados apareceram dois anos depois. Ainda se discute a capacidade de os transgênicos reduzirem custos e aumentarem a produtividade da lavoura. Sem que se deixe de lado o impacto ambiental, esse item está presente nas agendas de trabalho (**L.A.P.** e **R.A.**).

